

2004 acabou ontem

O balanço da última semana de 2004 foi de arrepiar os cabelos e pedir proteção aos terreiros da Bahia. E as más notícias continuam. A tragédia tsumani ainda não acabou. Os dramas humanos desvendados fazem corações ganhar um instante de compulsão.

Na Argentina, jovens que desejavam usufruir da vida experimentaram o destino da morte.

Lembro-me de uma incelência que ouvi num sepultamento do sertão, cantada com voz de "llanto jondo": "A bandeira deste ano / Trouxe um sinale de guerra / Uma é verde / Outra encarnada / Outra uma rosa amarela."

Eça de Queiroz, em uma de suas "Cartas da Inglaterra", dizia que os desastres que mais nos tocam são os mais próximos. Naquele tempo não existia o tempo real. Mortos na China – escrevia ele – não são iguais a um acidente com vítimas na sua rua. Este tocava mais. Mas na sociedade da informação globalizada, tudo está perto: a onda da Indonésia entra na sua casa, pela televisão, bem como o desespero das vítimas da discoteca de Buenos Aires.

O tempo se comprime. Como sabemos de

JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO (PMDB-AP)



Lula queimou as palhinhas com um balanço do futuro. A guerra do Iraque mata o governador de Bagdá. O dólar sobe

tudo no mesmo instante, temos a sensação de que as coisas desabam em bloco, e que vivemos sempre no inferno astral. O inferno astral é a vida, que comporta lados bons, a começar pelo maior de todos: a graça de viver! Somos os óvulos e espermatozóides sorteados por Deus para se encontrarem. Bendito encontro. Por causa dele escrevo estas observações nada singulares.

As festas religiosas preconizadas pela igreja se concentram em duas vertentes de sublimação. O Natal, a alegria; a Paixão, a tristeza. As festas natalinas do ano passado foram mistura das duas coisas. Antigamente, elas não se esgotavam no dia 25 de dezembro alongadas e coincidentes com o Ano Novo, que Vieira sempre chamava de Ano Bom. Iam até o Dia de Reis, 6 de janeiro, ontem, com a Festa dos Pastores, cordões de folia com dois reis e duas rainhas. Alas das donzelas e dos pastores. Hoje, tudo desapareceu. Os motivos são óbvios: o gasto com a vestimenta de reis e pastores é caro e o povo não tem como pagar. A cesta básica não inclui estas culturas. Outro motivo bem mais real é a falta de virgens para o cordão das donzelas, que a pílula acabou. A santidade era

associada à pureza e Cordão de Reis com não virgens bate na credence popular: "se as virgens não forem virgem Deus não aceita a homenagem." Coisas do tempo da "janambura".

Mas ficou a tradição da "queimação das palhinhas". Eram as folhas que ornamentavam o presépio. E, como somos festeiros, o fim das festas é no Dia de Reis com este fogo nos enfeites do presépio, momento em que todos estão de fogo, chocolate, cachaça e bolos.

Não posso deixar de citar, porque está na memória de minha vida, receber de uma moça cortejada um papel de Reis todo rendado, com a mensagem escrita: "Dar Reis não é vergonha / Vergonha é não pagar / Um coração como o seu / A mim não pode negar!"

E haja coração.

2004 só morreu ontem, com o fim dos presépios e pastores, reisados e cheganças. Lula queimou as palhinhas com um balanço do futuro. A guerra do Iraque mata o governador de Bagdá. O dólar sobe. Os preços de liquidação baixam.

E vamos ao trabalho que ninguém é de ferro.

José Sarney escreve às sextas-feiras nesta página